



ESTUDO AVALIATIVO
do
Programa Família Guardiã

Uma experiência na aplicação da
Política Nacional de Convivência Familiar e Comunitária

Responsáveis pelo estudo: Kelly Lima e Veruska Galdini¹²

¹ Autoria compartilhada desde a elaboração até a execução do projeto de avaliação do programa Família Guardiã.

² Agradecemos a participação de Luiz César Damião, Raquel Formigari e Jonathan Hannay no desenho do projeto de avaliação.

Programa: Família Guardiã.

Tipo de Proteção: Proteção Especial de Média Complexidade.

Segmento: Crianças, Adolescentes e Famílias.

Período da avaliação: dezembro de 2009 a novembro de 2010

Histórico:

Em entrevista Jonathan Hannay, Secretario Geral da ACER identificou como base para a criação do Programa Família Guardiã: “(...) o reconhecimento da forma sócio-histórica da sociedade brasileira de lidar com esta situação em que os pais não dão conta de criar os filhos. Quando o faziam de forma não aceitável pelos pares,(...) os outros membros das famílias extensas (avós, tios e tias por exemplo) ou madrinha/padrinho acolhiam essas crianças e criavam (...)”. Uma ação que “(...)se encaixa dentro da política pública, que é o plano de desenvolvimento familiar e comunitária”.³

Assim, o Programa Família Guardiã conta com o respaldo das leis previstas tanto no ECA quanto na Constituição Brasileira bem como com uma prática social já vivenciada pela comunidade atendida. São fatores que facilitam o movimento de criação e implementação do Programa.

Objetivo do Programa:

Garantir a convivência familiar, subsidiando as famílias para que proporcionem à criança e ao adolescente sob forma de guarda, condição para o bom desenvolvimento biopsicossocial assegurados no Estatuto da Criança e do Adolescente e no Sistema Único de Assistência Social.

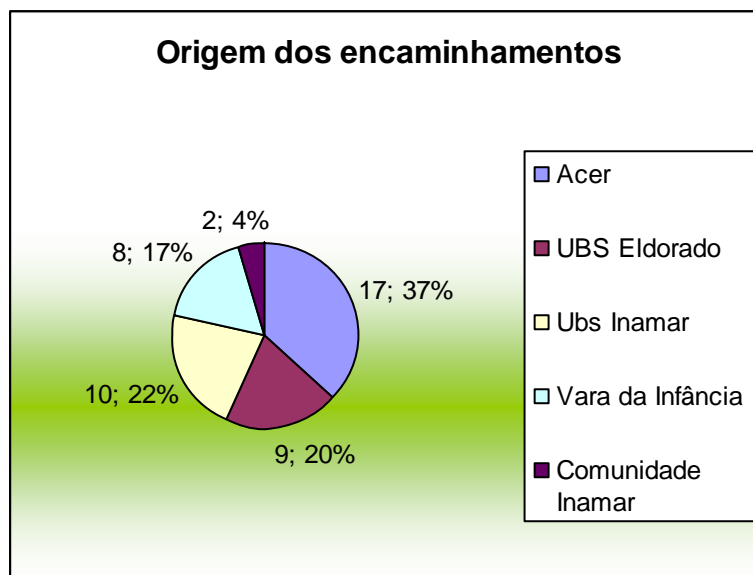
Famílias e Crianças atendidas:

Conforme o projeto encaminhado ao FUNCAD, os beneficiários são as famílias guardiãs, residentes na região sul de Diadema que possuem a concessão da guarda devidamente regularizada de 45 crianças. E assim o programa cumpriu sua capacidade máxima chegando a atender as 45 crianças, divididas em 21 famílias com o seguinte perfil.

Dos encaminhamentos:

- 17 crianças já eram atendidas pela Acer e foram indicadas para a Vara da Infância como possíveis acompanhamentos;
- 09 crianças foram indicadas pela Assistente Social da UBs Eldorado;
- 10 Crianças foram indicadas pela UBs Inamar;
- 08 crianças encaminhadas direto pela Vara da Infância e Juventude.
- 02 crianças encaminhadas pela Comunidade Inamar.

³ Entrevista realizada por Veruska Galdini em Outubro de 2010.



Observe-se que o CREAS encaminhou duas crianças para acompanhamento, mas não diretamente para o serviço.

Das Comarcas:

- Em 06 casos, os processos eram de comarcas de outro município (Santo Amaro-SP).
- Em 42 os processos tramitam na comarca de Diadema, sendo 23 casos na Vara da Infância e Juventude e 17 na Vara de Família.

Destes 42 casos, 11 encontravam-se arquivados, o que de acordo com a Assistente Social do Fórum Marlene, justifica a demora no encaminhamento do caso, visto a necessidade de realizar o pedido de desarquivamento.

Das Famílias:

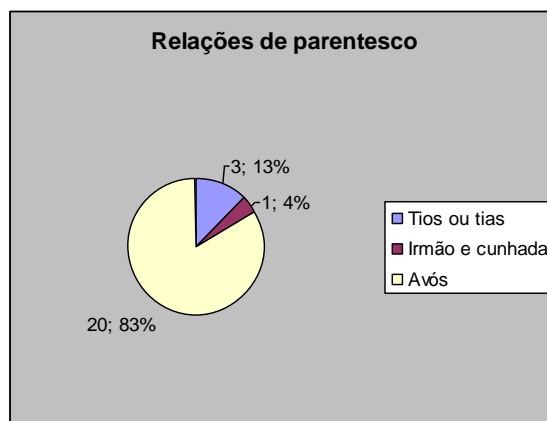
Encontra-se em atendimento até o presente momento, 21 famílias de 45 crianças, contempladas pelo serviço, sendo:

- 21 famílias com 94 componentes ao todo:
- 36 adultos;
- 59 crianças (45 estão sob forma de guarda e 14 já constituíam a família extensa)

Da relação de parentesco com os guardiões:

Dentre aos guardiões temos as seguintes relações de parentesco:

- Em 03 famílias os guardiões são tios;
- Em 01 família os guardiões são respectivamente irmão e cunhada;
- Em 16 famílias os guardiões são avós.



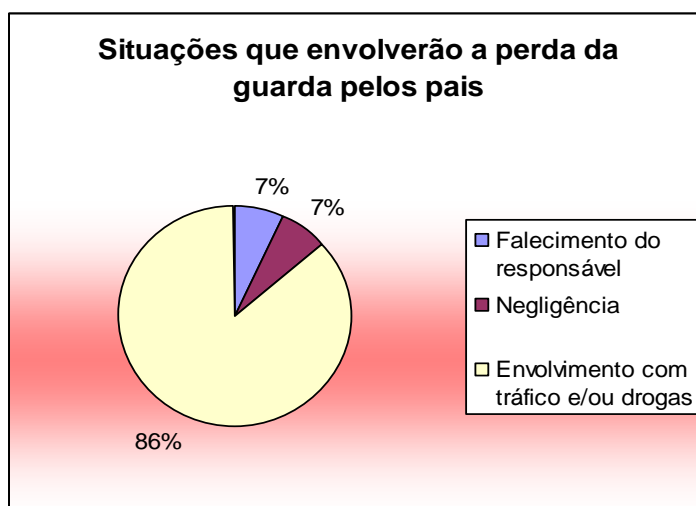
Quanto ao Gênero e idade.

Das 44 crianças atendidas, foram levantados os seguintes dados quanto à gênero e idade:

- As idades variam de 11 meses à 17 anos.
- Sendo: 17 meninos e 29 meninas.

Quanto ao motivo que culminou a perda da guarda dos pais biológicos:

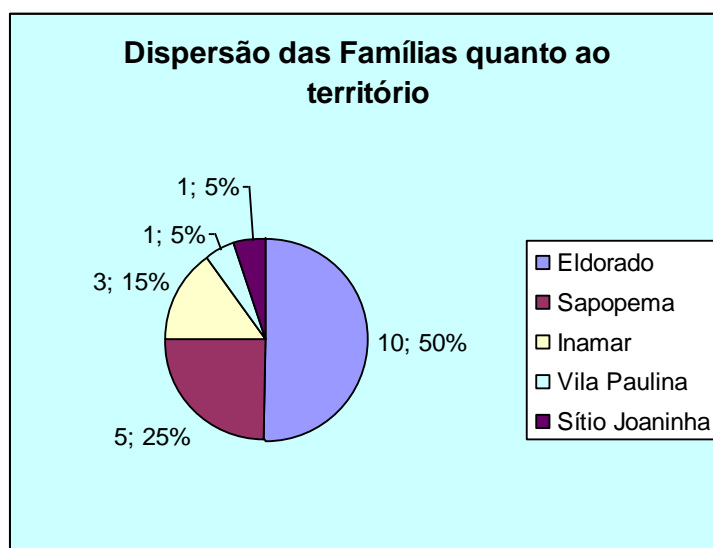
- Falecimento do responsável: 03 crianças
- Negligência: 03 crianças
- Envolvimento com drogas e/ou criminalidade: 38 crianças



Como demonstrado, a maioria dos pais genitores são usuários de drogas. Vale ressaltar que no caso das mães/genitoras, 09 são usuárias de crack e 02 delas moram/vivem na rua em decorrência deste abuso. A equipe de Assistencial Social da Creche Comunidade Inamar tem a mesma percepção da equipe da ACER e da Assistente Social Diretora do Abrigo Lar São José: é alarmante aumento do abuso de crack nos últimos 03 anos especialmente entre as mulheres. E o impacto deste uso é direto no desenvolvimento das crianças e na dinâmica familiar, causando sua destruição.

Quanto ao território:

- 10 famílias residem em Eldorado;
- 05 famílias residem em Sapopema;
- 03 famílias residem no Inamar;
- 01 família na Vila Paulina;
- 01 família no Sítio Joaninha.



Quanto à situação de trabalho e renda:

Em 11 Famílias, ao menos um dos componente possui algum tipo de renda fixa, sendo:

- Em 06 famílias, sete pessoas possuem renda proveniente de trabalho regular, com registro em carteira.
- Em 03 famílias a renda provém de contribuições feitas à Previdência Social (em dois dos casos aposentadoria por idade e um por falecimento do companheiro);
- Em 02 famílias a renda é proveniente de BPC – Benefício de Prestação Continuada (LOAS), sendo um em virtude de deficiência mental e outro por idade.
- Em 06 Famílias há presença de trabalho informal: (01) Cuidadora de Idosos, (02) Mecânico e (04) Diaristas.
- Em 03 famílias não há presença de nenhum tipo de trabalho como fonte de renda.

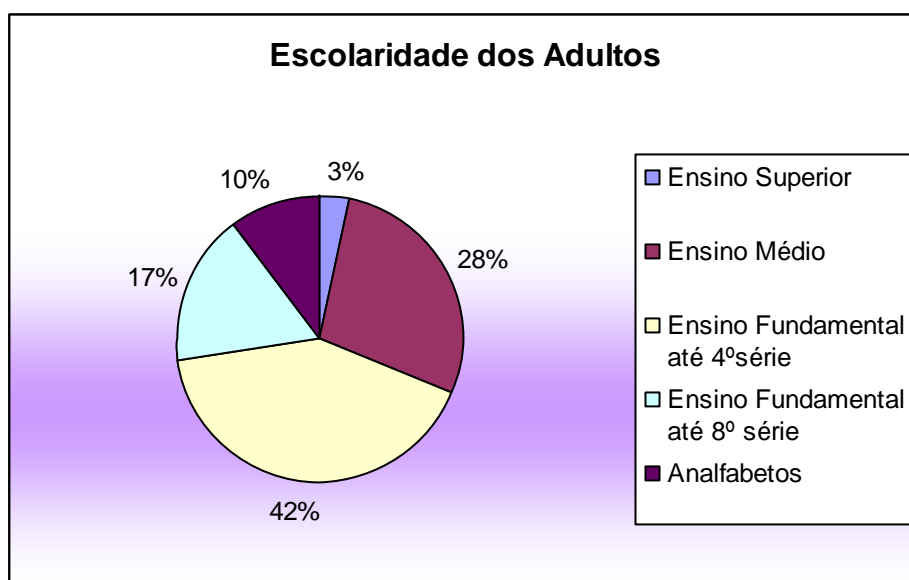
Inscrição de Programas de transferência de Renda.

13 famílias recebem algum tipo de valor proveniente de Programas de Transferência de Renda, seja a nível federal ou estadual, sendo que em 03 dos casos, a renda familiar é exclusivamente advinda do Bolsa Família.

Quanto à escolaridade dos Adultos:

Dos 36 adultos distribuídos nas famílias, contabiliza-se os seguintes dados quanto à escolaridade, sendo considerado o término ou processo de conclusão:

- Ensino Superior: 01 pessoa.
- Ensino Médio: 08 pessoas, sendo duas em processo de conclusão.
- Ensino Fundamental: 17 pessoas, tendo 05 concluído até a antiga 8º série e 12 até a 4º série.
- Analfabetos: 03 pessoas.



Quanto à escolaridade das crianças acompanhadas:

- Creche: 01 criança
- Escolas Municipais (dos 04 anos de idade até o 5º ano do ciclo): 10 crianças
- Escolas Estaduais (do 5º ao 9º ano do ciclo) – 21 crianças
- Escolas Estaduais (Ensino Médio): 02 crianças Ensino Médio
- Supletivo (EJA) : 01 criança
- Sem escola: 01 criança.

Os Serviços do Programa:

O atendimento se deu através de: 378 *visitas domiciliares*; 13 *ações sócio educativas*, sendo 09 delas em forma de *encontros* e 04 *passeios*. Também foram realizadas cerca de 472 orientações através de *conversas individuais* pessoais ou por telefone.

Além do atendimento direto com as famílias, a terapeuta familiar procurou atuar em rede como estratégia para compreender cada família de modo orgânico, ou seja, em sua complexidade

de relações e sempre em movimento. Assim, foram realizadas 74 reuniões com educadores de crianças e jovens e/ou com educador de adultos que acompanha os genitores; 21 reuniões com os profissionais do Fórum com o enfoque de discutir os casos, alinhar ações e pensar conjuntamente em possíveis encaminhamentos.

Para efetivar a garantia de direitos, foi realizado um total de 12 encaminhamentos e/ou acompanhamentos para serviços de: a) Saúde, no hospital Estadual Serraria, Ubs Eldorado e Quarteirão da saúde; b) Assistência Social, encaminhadas para o Cras Sul para verificação de benefícios ou para serem referenciadas pelo equipamento em termos de serviços; c) Educação, para a solicitação de vaga em creches e escolas.

A Terapeuta Familiar também fez acompanhamentos dos casos junto aos profissionais de referência dos equipamentos em reuniões de cooperação ou via telefone.

Todas estas ações resultaram em um apoio extremamente qualificado para os guardiões o que pode ser identificado nos resultados expostos a seguir:

- Até o presente momento não tivemos nenhuma família que desistiu de ficar com a guarda das crianças que acolheram e que as submeteram ao acolhimento institucional. Vale observar que duas crianças saíram do serviço. Uma voltou aos cuidados da genitora e a outra preferiu voltar para sua cidade natal e residir com uma tia em Embu – Guaçu.
- Percebemos que em nenhum dos casos acompanhados houve presença de qualquer tipo de violação de direito das crianças. Elas estão sendo atendidas e cuidadas em sua completude.
- Tivemos 01 caso de guardiã que estão retomando os estudos; 01 participou de palestras e seminários com assuntos referentes a acolhimento e 02 que estão realizando cursos profissionalizantes.
- 01 criança está participando de grupo terapêutico na Acer com o Educador Thiago Lacerda e tem tido bons resultados na socialização quanto no rendimento escolar.
- 13 crianças participando de atividades complementares à escola e 03 realizando curso de inglês na Entry.
- Referente à educação das crianças, não houve retenções. O que nos demonstra que houve rendimento satisfatório, conforme fora acompanhado nos boletins escolares no decorrer dos bimestres e cuidado com a frequência das crianças.
- O recurso financeiro foi utilizado na maioria das famílias para o consumo direto das crianças através da compra de roupas, sapatos, material de escola ou para complementar a alimentação. Tivemos família que conseguiu com o recurso ampliar a casa para melhor recepcionar as crianças e/ou investiram na qualidade da oferta de acomodações, com a compra de camas e móveis. Algumas guardiãs tiveram também o cuidado de comprar brinquedos e jogos para auxiliar no desenvolvimento das crianças e servir de ferramenta para aproximação e fortalecimento do vínculo.
- Os guardiões revelaram que estão mais felizes e mais confiantes em sua capacidade de educar e promover o desenvolvimento das crianças. E tanto crianças quanto adultos que foram escutados, contaram que são pessoas mais

fortalecidas para enfrentar os desafios intensos presentes no cotidiano das suas vidas.

Acreditamos que este fortalecimento se deu através das ações realizadas com os guardiões e as crianças. Vivenciaram atividades e diálogos pelos quais puderam conhecer suas angústias, problemas, questões e assuntos e então quando dividiram com os outros na mesma situação puderam compartilhar estratégias e apoiar uns aos outros ou então, quando julgaram ser tão pessoal a sua dor, obteve apoio da Kelly, terapeuta familiar do programa, para encontrar acolhida e suporte para mudança de comportamento ou compreensão.

Então, é possível defender o Programa Família Guardiã como uma alternativa ao abrigo porque as suas estratégias (bolsa, terapeuta familiar, Grupo de Guardiões, passeio e auxílio financeiro) foram eficazes para que os guardiões permanecessem com a guarda da criança, demonstrando que quando encontram diálogo e apoio diante de dificuldades vividas encontram soluções para resolver os desafios; porque as crianças foram incluídas e permaneceram na escola, promovendo o seu desenvolvimento; tiveram mantidos os laços com seus irmãos, primos, tios e amigos do bairro que sempre viveram, além de estabelecerem novos vínculos de amizades proporcionadas pelas atividades na ACER e seus parceiros.

Enfim, o Programa Família Guardiã possui estratégias eficientes para trazer alívio para o sofrimento, soluções para problemas vividos e ainda momentos felizes para alimentar de bons afetos as relações interpessoais. Ou seja, cumpre a missão da ACER e resgata a dignidade e a felicidade de crianças, jovens e adultos.

RELATOS

A seguir apresentamos algumas falas das crianças e dos guardiões sobre o Programa Família Guardiã, coletados em três diferentes momentos: 1) entrevista com as crianças, realizada pela Kelly; b) encontro com os guardiões, realizada pela Andressa Silva, Kelly e Veruska; c) coleta de testemunho, realizado por Jonathan, para captação de recursos.

1

Entrevista da Kelly Lima com as crianças

Foi difícil a participação das crianças em encontros para coleta de dados de resultados. Atribuímos ao fato delas não terem o hábito de vir para a ACER para conversas sobre esse tema. Elas participam das atividades de Capoeira ou Raízes do Brasil ou ainda da Biblioteca. Mudamos a estratégia para entrevista individual com a Kelly, porém mesmo assim somente 04 crianças foram entrevistadas. A seguir estão as suas respostas.

Sobre escola ou estudo: P. percebe que houve mudanças , “relaxe um pouco” depois que a avó morreu. Mas que “quero continuar estudando porque vi o que minha tia e mãe passaram e não quero ser igual a elas”. A K. diz que a avó “tem mais paciência para ensinar as lições, mas ainda tenho nota baixa”. A E. diz que a avó “entende que as vezes minha nota é baixa porque tenho dificuldade” e que antes “tinha muita dificuldade e minha vó cobrava muito por causa das notas”.

Sobre Família: I. diz que “meu pai e minha mãe são muito errados, por isso meu avô e minha avó cuidam de mim. Gosto de ficar com meus avós. Eles cuidam de mim e se preocupam comigo. E meu pai e minha mãe estão lá, do mesmo jeito. Eu quero continuar com meu vô e minha vó.” Já K. diz que “quando era bebe, morava com meu pai e minha mãe mas aí eles se separaram. E meu pai tá preso. Moro com minha avó, e nem vejo minha mãe. Ela tem um marido novo. E mais filhos. Meu pai liga de vez em quando da cadeia. Gosto da minha vó mais que da minha mãe. Só queria morar numa casa maior”. Segundo P. ela “apanhava todo dia e todo mundo descontava as coisas em mim. Tá a mesma coisa, mas melhorou um pouco porque agora eu saio mais.” Para E. “só considero minha família a minha tia, minha vó e meus primos. Meu pai, não sei quem é e minha mãe vive bêbada. Minha vó é quem cuida de mim. Minha mãe não tá nem aí pra mim e para minha irmã. Estamos tristes por causa da tia, mas vamos levando. No futuro acho que minha tia não vai mais estar com a gente e aí seremos eu, minha irmã, minha avó e meus primos”. A tia está doente de AIDS.

Condição Material: K. diz que agora a avó “compra algumas coisas para gente: comida, roupa e as vezes doces. Queria que minha avó ganhasse mais dinheiro, pra gente passear e comprar brinquedos”. P. diz que “a avó gastanta com remédio por causa da doença da avó, agora (que ela faleceu) divide mais, Mas meu pai está gastando mais com ele”. De acordo com E. “sempre foi difícil, minha avó sempre recebeu ajuda e catava latinhas. Hoje mudou um pouco, ela ainda junta latinhaas, mas agora tem o dinheiro da Acer que ajuda bastante. No futuro eu vou ter o meu quarto, queria trabalhar para ajudar minha avó.” I. diz que “meu avô não trabalha mais e minha avó que corre atrás do dinheiro. Eles falavam que quase não sobrava nada. Agora meu avo usa o dinheiro da ACER para comprar roupa para mim. Eu quero trabalhar para comprar as minhas coisas.”

Como informado no relatório anual de atividades, o dinheiro foi direcionado para alimentação, vestimenta e brinquedos. Ou para uso específico: construção de um cômodo para ampliação do espaço, acerto de dívida com Eletropaulo; compras de camas, artigos de cama e banho; material escolar; livros para apoio a alfabetização; poupança. Como contou uma mãe/guardiã: antes do auxílio financeiro vivia no Faz de Conta: “fazia bolinho de arroz e fazia de conta que era batata frita; fazia bolinho de carne e fazia de conta que era rabada. Hoje, a gente come rabada uma vez por mês.”

Encontro de Avaliação com os Guardiões

Como retrata a Ilma, Assistente Social do Fórum⁴: “muitas vezes, os familiares assumem a guarda por dó ou por impulso, sem medir consequências”. Então, quando perguntados sobre suas vidas antes de participar do Família Guardiã, respondem que a vida era: “fria”; “um terror, como vencer a pressão para se proteger”; “uma guerra”; “eu era preocupada em relação à tudo”; “eu vivia feia, de cara fechada, com raiva do mundo” e “triste, revoltada, abatida”. E que “para estrangular (a criança) faltou pouco”⁵.

Ainda segundo a Ilma, Assistente Social do Fórum, as famílias que tem processos de guarda na Vara da Infância ou da Família seus vínculos familiares “nem sempre são fortes (...) são fragilizadas”. Portanto, o programa Família Guardiã “é o respaldo que a família precisava para manter-se como cuidadores. Tenho certeza de que não estariam mais como cuidadores. Tem família que chega a devolver e se elas tivessem esse apoio, continuariam cuidando. Porque na maioria das vezes pegam a guarda por impulso, por dó. Mas não tem alguém que acompanhe efetivamente, não da forma que necessitam, tirando dúvidas toda semana, próximo das famílias para ter clareza das necessidades dos cuidados de uma criança.(...) A família que tem acompanhamento consegue estabelecer um vínculo maior, o que representa que aquela guardiã cuide melhor da criança pois assume melhor o seu compromisso. (...) essa familiar nem sempre é forte, a família também é fragilizada. E o trabalho do FG fortalece, por isso o resultado é positivo: é assumir o seu compromisso além do que assumiria anteriormente, sem haver devolução. As guardiãs sentem mais seguras, mais apoiadas, com um vínculo maior com a criança. Isso faz com que exerça melhor o papel de cuidador, sentindo mais apropriadas conseguem trazer o projeto para a vida deles. Como vejo famílias que não tem esse apoio, é diferente, a situação mais fragilizada, escuto mais queixas como ‘não vou conseguir continuar com uma guarda’. As guardiãs que participam do FG não tem queixas, ou elas não chegam até a mim, ou não chegam a pensar em desistir da guarda”.

Os afetos escolhidos pelas mães/guardiãs para caracterizar a vida depois de participar do Família Guardiã demonstram o mesmo assinalado pela Assistente Social do Fórum: segundo elas, o programa família guardiã é “um alívio para a dor, a Kelly é como um anjo da guarda”. “posso ver melhor as minhas condição de vida e de vencer apesar da idade”. “estou mais confiante e com mais segurança em relação ao futuro dela (da filha/criança) pois sei que agora posso contar com o apoio da equipe “felicidade (...) depois que começamos a participar do projeto e rever bem o valor da vida não é só dinheiro e sim a importância que é cuidar de uma criança. Isso é muito

⁴Maria Hilma de Souza Gomes, em entrevista concedida à Veruska Galdini em outubro de 2010.

⁵ Reunidas na ACER para um encontro de avaliação do Programa, facilitado por Andressa Silva, Kelly Lima e Veruska Galdini, responderam através de colagem à pergunta: “como era sua vida antes e depois de participar do Família Guardiã?”.

gratificante”. “alegre, com paciência, aprendi a ter amigos. Não é só eu, na ACER tem um monte igual eu!”. “alegre feliz, com meu neto querendo estar ao meu lado”. “lidar com meu problema, saber como lidar com ele (...) eu mudei bastante, todo mundo tem seus problemas e não tem que descontar nas crianças”.

As orientações de Kelly foram feitas no sentido de ampliar a conhecimento das mães/guardiãs sobre desenvolvimento infantil; sexualidade, especificidades do cuidado de meninas e de meninos; identificar as reais causas da insatisfação pessoal e assim evitar a atribuição dela às crianças; lidar com a angustia produzida pelo contato da criança com a mãe/genitora, por seu teor destrutivo; compreensão dos diferentes papéis na vida da criança (amor para avó, amor para mãe, uma não substitui a outra); lidar com o retrocesso na independência depois de ter recuperado ao criar os filhos, voltar a ter limites estabelecidos pela criança acolhida. Aprender outras estratégias educativas, alternativas à palmada e castigos físicos. Orçamento Doméstico, controle de gastos e previsão de ganhos e gastos. Aprender sobre a condição específica do desenvolvimento comprometido (dislexia, déficit de atenção, déficit de desenvolvimento, etc): expressões e formas para desenvolver suas capacidades. Reconhecer que não foi boa mãe, melhorar para dar conta melhor do cuidado com a criança que está acolhendo. Perceber suas limitações e possibilidades, conseguir negar cuidado para mais pessoas para dar conta das que já tem responsabilidade. Integração das 12 crianças. Enxergar de forma positiva a criança acolhida. Se perdoar e perceber que não tem como consertar o filho, mas investir no neto para fazer as escolhas melhores. Lidar com perdas.

Kelly salienta que uma das angústias mais presentes nas guardiãs é com relação à educar para a autonomia e independência, e num curto prazo de vida. Além disso, a situação de saúde das guardiãs, devido ao envelhecimento, também é um limitador presente no cotidiano deles. Poder compartilhar essas dores e também as estratégias para enfrentá-las com a Kelly e também com as outras mães e pais guardiões foi um grande alívio. E trouxe felicidade, sem dúvida.

Este alívio e felicidade são retratados em todas as colagens feitas pela mães/guardiãs e pelo pai/guardião presentes no encontro para avaliação do Programa. As mais representativas estão apresentadas a seguir.

D.Izidora:

Antes - "Grade da Vida "

Grade da Vida



Depois - "Livre"

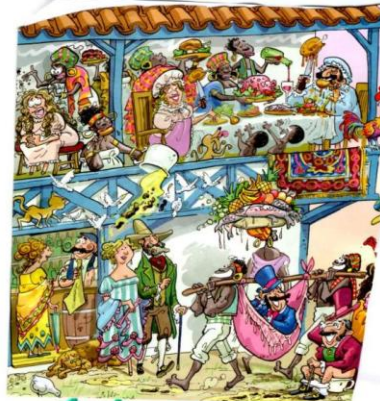


Antes- "Faz de conta"



Faz de Conta

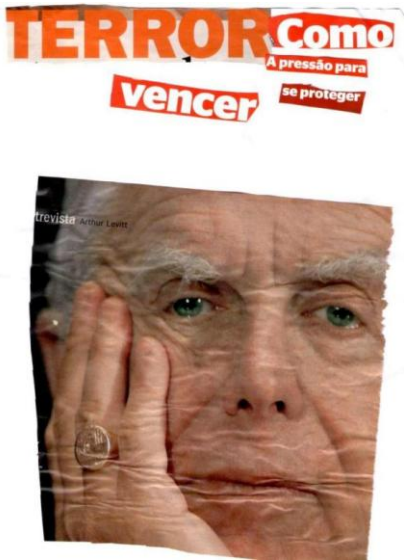
Depois - "festa para nós. Hoje, Amanhã e Sempre".



*festa para nós
hoje amanhã sempre*

D.Jacira:

Antes – “terror. Como vencer a pressão para se proteger”

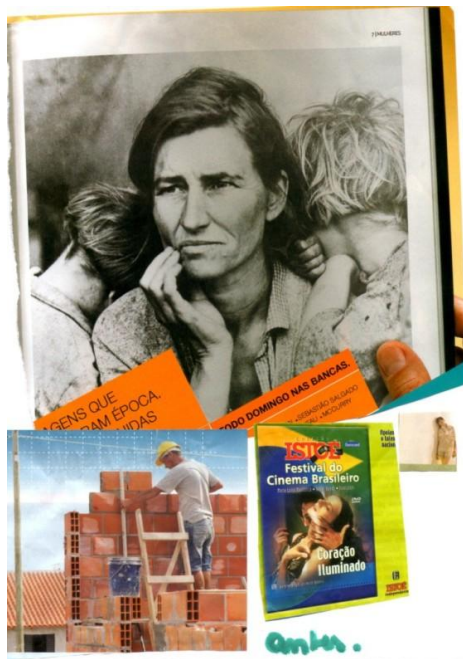


Depois – “um alívio para dor”



D. Eugênia:

“Antes”



Depois – “Família”



Cristina:

Antes – “esta era minha vida antes do Família Guardiã”

Esta era Minha vida antes da família Guardiã
Cristina



Depois: “minha família depois do Família Guardiã”.

www.veleiro.com o pai, em seu aniversário de 70 anos, dois dias depois desta entrevista



De 4 a casa - da filha, Antonia, chamo no celular de mãe, com a garota de 1 ano



Antes crianças na família fundador e guardião de 20 anos de idade de crianças
Ainda com mais
participação
da minha
criança, com
27 70 crianças

*Minha família
de pais do
Família Guardiã*
Cristina



Testemunhos:

Todos os nomes das pessoas que falaram sobre o projeto são os seus nomes verdadeiros e todos compartilharam as suas histórias e fotos, por iniciativa dos guardiões.

Denize Bigaran, avó de Gabriela e Joice Bigaran:

“Estava muito insegura em ter as meninas comigo, mesmo sabendo da importância que era tirá-las do abrigo tanto por causa delas estarem perto da família, como para que eu tivesse uma sensação de dever cumprido, já que são minhas netas e tenho responsabilidade com elas como avó.

Senti insegurança pelos meus filhos serem já adultos e ter em casa a Gabi e a Joice era a mesma coisa que voltar no tempo e reaprender a ser mãe de crianças, ainda mais meninas. Foi quando o projeto apareceu na minha vida, pra resgatar em mim esse sentimento de ser mãe novamente, de brincar, de entender a cabecinha delas e acima de tudo procurar TR paciência e respeito pelo que elas já passaram na vida.

Hoje brinco de boneca com as meninas, coisa que antes nunca havia feito, já que tive três filhos. Elas me são extremamente carinhosas e amorosas, apesar de às vezes terem comportamentos que ainda preciso me dedicar em explicar como se deve agir de maneira correta, mas sei que levará um tempo. Com relação ao dinheiro, foi ele que me possibilitou a construir um espaço para as duas. Elas em um quatinho que é o cantinho delas, se não fosse isso teriam que dormir com o tio que tem dezoito anos na sala. Também consegui comprar roupas e artigos de cama para elas. Procuro todo mês comprar algo que possam usar e que sintam que é delas, pra elas. Lembro que no primeiro mês depois que arrumar o cantinho delas, fui a uma loja de produtos de beleza e comprei creme para passar nos cabelos. Quando cheguei em casa e o olho da Joice até brilhou... E a cama então? No primeiro dia que elas dormiram no cantinho delas, tive que pedir que levantassem, porque elas não queriam sair da cama.

Espero que o projeto continue, por é lá na ACER que eu corro quando preciso de orientação e ajuda. Foi lá que encontrei apoio para arcar com a minha responsabilidade, lá eu sei que tem pessoas que se preocupam comigo, em estar bem para cuidar das crianças. Também espero continuar recebendo o apoio financeiro, pois a renda daqui de casa não é muita, dá para alimentação e despesas da casa, mas é claro que a vinda das meninas trouxe gastos e a bolsa ajuda a atender as necessidades das meninas.”



Elísia Ferreira, avó de Luiz Eduardo Ferreira:

“Eu tenho muita história pra contar desse período em que estou com o Luiz, no começo tive que ver muita coisa errada que a mãe dele quis fazer com ele por causa do uso de drogas, até que teve um dia em que me zanguei e fui procurar Conselho Tutelar e contar o que estava acontecendo. Ele não tem pai, e a mãe não cuidava direito, aí resolvi pegar o Luiz pra criar, afinal de contas eu sou a avozinha dela.

Não foi nada fácil, no começo, eu não tinha muita renda, tive que aprender a cuidar de criança de novo, mas Deus me ajudou e hoje ele está aqui. Forte e crescido. Às vezes ele me dá um pouco de trabalho querendo se envolver com amizades que não levam a lugar nenhum, pessoas que não andam no caminho certo. Aí é a hora de sentar e conversar. Nesse sentido tenho recebido muita ajuda da ACER para conversar com o Luiz, ele tem melhorado na escolha das amizades e na escola também. Eu também tenho ficado mais próxima dele, já era e agora estou mais.

Dinheiro da bolsa me ajuda bastante, comprou roupa para Luiz, material de escola, alimento e até já cheguei a usar para a gente poder passear, coisa que antes ficava meio apertado por causa do salário que recebo de aposentadoria. Seria muito importante que continuasse, aí ficaria tudo uma maravilha.

Por Luiz Eduardo

“Depois que eu minha avó estamos participando desse projeto está mais legal. Ela está entendendo mais as coisas que eu gosto de fazer e eu estou aprendendo a entende porque ela se preocupa tanto, até não acho mais ruim ela me levar na escola todo dia de manhã, já sei que é porque ele se preocupa e quer cuidar de mim.

Acho legal quando a gente sai pra comprar roupa e comida junto e ela me explicou que todo mês vai comprar alguma coisa pra mim com o dinheiro do projeto. Agora quando voltou as aulas ela foi no bazar e comprou um monte de coisas pra eu levar pra escola.”



Cristina da Cruz Nascimento, avó de Karine e Karoline Cruz Nascimento:

“Minha vida sempre foi muito difícil, já fiz muita coisa errada, me envolvi com drogas, bebidas e com pessoas que só me faziam mau, graças a Deus saí dessa vida e por muito tempo me senti culpada pela minha filha Patrícia que seguiu o mesmo caminho que meu quando tinha a idade dela, mas também não estranho, como podia ser diferente se o exemplo que ela tinha era me ver drogada dentro de casa.

Enfim ela teve as filhas dela e não conseguiu se cuidar, e eu me vi na obrigação de cuidar das minhas duas netas: Karina e Karolina. Não podia deixar jamais elas viverem na rua com a mãe, tentei ajudar a Patrícia, mas ela ao contrário de mim, não tem forças pra sair das drogas.

Graças a Deus tenho a Luciana minha outra filha, que não seguiu o mesmo caminho da irmã e me ajuda a cuidar das meninas.

É muito difícil porque olho para elas e vejo o quanto errei como mãe e a todo momento tento ser uma avó diferente do que fui como mãe. Hoje sou uma pessoa melhor, graças a Deus e às pessoas que me ajudam e me dão apoio todos os dias como vocês da ACER. Sei que lá encontro pessoas qualificadas para me orientar e dividir minhas angústias do dia a dia. Acho que sou outra pessoa hoje. Me recuperei, estou bem ativa na comunidade e nas questões do município. Tento ser uma boa mãe e avó e olho nas meninas a possibilidade de um futuro promissor.

Sem ajuda não tinha conseguido metade das coisas que conquistei hoje e não poderia ter visto minhas netas crescerem saudáveis e espertas. O que ainda atrapalha é a questão financeira. Não tenho trabalho fixo e meu marido ganha muito pouco, mal dá pras despesas da casa. Vivemos com o dinheiro sempre no limite. O dinheiro do Família Guardiã, veio em boa hora, as meninas estavam sem roupa e calçados e não conseguia as vezes nem comprar alimentos nutritivos pra elas. Hoje elas estão com roupas novas e eu consigo comprar frutas e legumes aos domingos pra ajudar na alimentação da semana. Abençoado projeto esse!

Seria muito importante que o projeto continuasse e que a ajuda financeira também. Sei que tenho muito a aprender e a melhorar e com o projeto sei onde posso encontrar pessoas iguais a mim, com os mesmos problemas e questões e sei que lá na ACER sempre terá um apoio. Já o dinheiro... ele faz realmente muita diferença, porque sei que não é só cuidar de coração das crianças que se resolve tudo, elas têm necessidades, que em alguns casos, não consigo suprir só com carinho e amor, alimento e roupa custam caro e sem dinheiro, não consigo comprar.”



Aparecido Oliveira, esposo de Liliane Aparecida Oliveira, avô de Dylan Aparecido Oliveira:

“Acho esse projeto uma maravilha. Lembro quando minha filha teve o Dylan e o quanto eu e minha esposa ficamos preocupados com a condição dela, pois tinha usado drogas a gravidez inteira e tínhamos muito medo como a criança poderia nascer. Lembro que com duas semanas de nascido, ela pegou o menino e foi pra Cracolândia. Era o mês de julho e estava muito frio. Demorei uma semana pra achar meu neto e quando achei era uma dia que estava tão frio que parecia gear. Comecei a andar pela rua e perguntei a alguns moradores perto de uma fogueira pela minha filha e me identifiquei como pai dela. Um deles me perguntou se era uma mulher que estava com um bebê e disse que sim. Ele me levou até onde meu neto estava, estava enrolado numa coberta fininha no chão perto de uma lata de lixo e o rapaz havia me dito que a minha filha havia ido encontrar-se com uma mulher que iria comprar meu neto por R\$50,00.

Não tive dúvidas, peguei meu neto no colo, esperei minha filha chegar e falei que estava levando ele pra casa. Como foi difícil, era só eu e minha mulher, ela teve que parar de trabalhar para cuidar do Dylan. Quando ele chegou em casa, nem chorava, parecia um boneco, a médica dele falou que ele tinha uma hérnia que devia ter se desenvolvido de tanto chorar, imagino eu que de tanto frio e fome.

Hoje ele é uma criança diferente, têm várias seqüelas daquele tempo e algumas dificuldades que ele tem nós só soubemos o motivo agora devido às orientações que vocês da ACER nos dão, principalmente com relação à escola. Antes nós cobrávamos dele, coisas que não sabíamos lidar e hoje já temos mais paciência e entendemos mais como lidar com o menino. Acho que se tivéssemos este apoio antes, muita coisa poderia ter sido evitada e compreendida.

O apoio financeiro vem bem a calhar, eu trabalho por conta e minha mulher é vendedora. A renda é muito pouco e esse dinheiro que o Família Guardiã proporciona ajuda na compra de roupas e até algum alimento para o Dylan.



Considerações Finais:

Nas entrevistas realizadas sobre o Programa Família Guardiã, algumas questões permearam as conversas e são apresentadas a seguir. As entrevistas referidas foram realizadas com: a) Maria Hilma, assistente social do Fórum; b) Margareth, Diretora do Abrigo; c) Carolina Pereira, coordenadora técnica da Comunidade Inamar e sua equipe: Janete Silva (assistente social) e Vanessa Vassalo Silva (psicóloga); d) Kelly Lima, terapeuta familiar do Programa Família Guardiã; e) Valquiria Longo, (Assistente Social, Coordenadora do CREAS, serviços de média e alta complexidade)

1. Uma ausência sentida durante o primeiro ano de execução do Programa Família Guardiã foi do CREAS. Foram realizadas apenas duas reuniões com profissionais do CREAS, uma delas no mês de dezembro para divulgar o serviço e outra no mês de março para conversar a cerca de um caso acompanhado pelo CREAS, CRAMI e CRAS, onde houve sobreposição de encaminhamentos, o que causou impasses no desenvolvimento do trabalho com a família. E apesar de um profissional ter sido designado para acompanhamento técnico, nunca houve nenhuma reunião com o mesmo. Em entrevista, Valquiria Longo reconhece a distância entre as instituições e justifica atribuindo ao fato de também ser o primeiro ano de estruturação do CREAS. E coloca como desafio para o próximo ano a proximidade com o Programa Família Guardiã, acompanhar a evolução dos casos que já estão referenciados pelo CREAS. Valquiria salienta a existência de uma confiança técnica da equipe do CREAS para com a equipe da ACER, indispensável nesses atendimentos complexos.
2. Um questionamento recorrente foi com relação ao atendimento dos genitores, considerando que a guarda de uma criança é provisória. A idéia é que o Programa Família Guardiã poderia estender os cuidados aos pais biológicos para que recuperassem o cuidado do filho. Com a identificação do perfil das famílias vimos que os pais biológicos são, em sua maioria, adultos e usuários de drogas (álcool e crack em especial). Outro ponto indicado pelas diversas técnicas da área (Margareth, Diretora de Abrigo; Hilma, Assistente Social do Fórum; Carolina Pereira e Equipe, da Comunidade Inamar; e Kelly Lima, terapeuta familiar do Programa Família Guardiã): as mães e os pais parecem não conseguir estabelecer vínculos afetivos com a criança desde o primeiro momento de vida. Portanto, um atendimento para os pais deve ser especializado e criado para atender estas condições especialmente difíceis de serem transformadas.
3. A regularização da guarda está relacionada com aspectos emocionais das pessoas - por exemplo, Carolina Pereira e Equipe da Comunidade Inamar colocaram que “muitas vezes a tia/avó não tem protagonismo suficiente para ir ao Fórum sozinhas e resolver a guarda. A situação que vivem é tão dura, que não se reconhecem com este direito. E necessário potencializá-las para ir ao Fórum e resolver esta pendência. A bolsa é um estímulo para assumir a guarda legalmente”. E com aspectos emocionais da relação interpessoal: a esperança da avó de que a mãe o pai vão mudar de condição, muitas vezes a impede de agir no sentido de regularizar a guarda. Também é necessário reconhecer que fracassaram como mãe. Esses afetos interferem no momento de acionar o Fórum para formalizar uma guarda. Com esses afetos que os educadores da ACER lidam para garantir os direitos da criança e do adolescente.
4. No início, Kelly Lima, enfrentou muita dificuldade para identificação do público alvo. Localizar no Fórum as avós e tias que tinham guarda de netos e sobrinhos não foi tarefa fácil! No Fórum não tem um cadastro ou lista relacionando todas as crianças que estão sob guarda de alguém, o local da moradia, etc. Foi na conversa pessoal com as assistentes sociais do Fórum, partindo da memória delas e da busca ativa da Kelly Lima por dados judiciais que as primeiras famílias foram encaminhadas.

5. Na divulgação do Programa para os técnicos da área pudemos vivenciar uma confusão de termos e definições: família guardiã, família acolhedora, família extensiva, família biológica, genitores. Muitas vezes o programa foi interpretado equivocadamente, o que exigiu esforços no sentido de esclarecer as características do público que se desejava atingir: avós ou tias com guarda de netos e sobrinhos já regularizada no Fórum. Tal fato demonstra o quanto é nova para a equipe de atendimento direto (seja OG, seja ONG) a discussão sobre alternativas ao Abrigo neste município. Segundo Valquiria Longo, é necessário diferenciar este programa de um programa de Família Acolhedora na Rede de Atendimento.
6. Também por se tratar de recente presentificação no cotidiano, encontramos divergência na tipificação dos serviços: o programa é de alta ou média complexidade? A compreensão da ACER é que se trata de média complexidade pois os vínculos familiares não foram quebrados, já que a criança está sob a guarda dos avós ou tios. Porém, para Valquiria Longo, há uma compreensão de que por haver mudança de guarda da criança, há uma complexidade maior no atendimento, o que exige uma equipe especializada. Valquiria Longo sinaliza que esta seria boa pauta para debater e materializar o plano de convivência familiar e comunitária no município.
7. Nas primeiras apresentações públicas do Programa Família Guardiã uma das perguntas era: “tem demanda para este serviço?”. Depois de entrevistar Hilma, Margareth e Carolina, a pergunta se transformou em indicação de “ampliação da capacidade de atendimento”. Hilma comenta que quem não identifica a demanda ou não está trabalhando com este público ou “não compreendeu a proposta do programa” porque segunda ela, “há uma necessidade de ser multiplicado no município todo. O problema é a regionalização, não a demanda”. Como salienta Carolina, também é necessário o aumento do tempo de permanência no programa, pois “01 ano é muito pouco ainda mais em se tratando de crianças novas que continuarão por um longo período com necessidades grandes”.
8. Um questionamento foi com relação ao repasse de verba pública para pessoa física. Jonathan Hannay, secretário geral da ACER foi responsável por começar uma luta para tornar possível o repasse de verba pública para pessoa física. “(...) descobrimos o fato de que, para que o dinheiro público que está previsto na constituição, que está previsto no ECA, para apoiar pessoas que acolhem crianças sob a forma de guarda, para que estas pessoas que acolhem de fato possam receber um subsídio financeiro público tem que se ter uma lei específica autorizando isso. E foi assim que reconhecendo também o papel do legislativo na construção da sociedade, que dialogamos com o vereador para criar uma lei municipal mais simples possível que autoriza o repasse de verba para estas famílias conforme previsto na constituição e no estatuto desde que a família seja apoiada dentro de um programa de atendimento registrado no CMDCA e supervisionado pelo CREAS municipal (...)”.